



Colônia inglesa no Porto: Mrs. JULES CORDEWEENER (Clichê Alvão, do Porto)

Segunda série — N.º 453

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 26 de Outubro de 1914

Director: J. J. DA SILVA GRACA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRACA, L. DA
Editor: José Joubert Chaves

Redação, administração, offic. de composição
e impressão: RUA DO SEculo, 43

Edição semanal do jornal
O SEculo

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Trimestre..	1820 cent.	Numero avulso
Semestre...	2840	10 centavos
Ano.....	4880	

Agencia da Ilustração Portuguesa em Paris, rue des Capucines, 8

Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção anual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papéis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de maquina contra nua ou redonda e de fôrma: Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.— *Escriptorios e depositos:*

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276

PORTO—49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**

Numero telefonico: **Lisboa, 605—Porto, 117**

CAPITAL

Ações.....	360.000\$ 000
Obrigações.....	323.910\$ 000
Fundos de reserva e de amortização.....	266.400\$ 000
Réis.....	950.310\$ 000

Sede em Lisboa. Proprietaria

das fabricas do Prado, Mariaraja e

Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Vale Maior (Al-

bergaria-a-Velha). Instaladas para produção anual de seis milhões de kilos

de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria.

Tem em deposito grande variedade de papéis de escripta, de impressão

e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações

especiaes de qualquer qualidade de papel de maquina contra nua ou

redonda e de fôrma: Fornece papel aos mais importantes jornaes e

publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais im-

portantes companhias e empresas nacionaes.— *Escriptorios e depositos:*



Ouro a pezo

Vende
Barateiro PIMENTA
R. DA PALMA, 2, esquina

Colegio Nacional

SANTAREM
Internato de 1.^a classe para meninas. Professoras es-
tran geiras, piano, canto, pintura, arte applicada, etc., etc.



Perfumaria
Balsemão
141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

A "PHOSPHATINA FALIÈRES"

é o alimento mais agradável e recomendado para as crianças desde a idade de 7 a 8 mezes principalmente na época do desmamentamento e durante o periodo do desenvolvimento. *Facilita a digestão e assegura a boa formação dos ossos, Impede a diarrhêa, tão frequente nas crianças.*

PARIS, 6, Rue de la Tacherie, e em todas as PHARMACIAS e BOAS MERCENARIAS.

Sabonete preparado com os saes das Aguas

de Mizella

o melhor para a pelle

FOTOGRAFIA

Rentlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre—PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09 ASCENSOR

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

CRONICA

N.º 453

26-10-1914

Jaborda

Lembram-se d'ele ainda. Uma mascara talhada em cortiça, baça e feia, tuberosa e tosca, — mas onde todas as rugas riam, onde todos os sulcos falavam, onde esse quasi-nada incoercível que é a expressão humana, movia, animava, iluminava de imprevisíveis clarões de espirito a mais ri-



sonha monstruosidade que me tem sido dado conhecer. Especie de aegipan, de genio pagão que envelhecera, de ultimo fauno em cujos labios sagrados se calara a ultima flauta de idilio, — ele foi, a um tempo, o riso e a ternura, a pomba e Dyonizos, a floresta e a lagrima, — a figura em que melhor tem incarnado, atravez de todos os tempos, a doce e incomparavel bonhomia portugueza. Se a sua estatu, ainda hontem erguida, pudesse descerrar os labios de bronze, — havia de perguntar-nos, a todos nós, portuguezes, tão cheios de generosa bondade, a razão por que fingimos odiar-nos tanto.

Grã-Bretanha

A grande e nobre nação que é a Inglaterra! Não conhece o serviço militar obrigatorio. Não constrange ninguem á servidão das armas. Cidadão livre d'uma patria livre, o anglo-saxão dispõe livremente da sua pessoa e da sua vida. E entretanto, bastou que lord Kitchner proclamasse que o governo da Grã-Bretanha precisava de um novo exercito de um milhão de homens, — para que em poucos dias, metodicamente, fleumaticamente, novecentos mil inglezes se offercessem como voluntarios. Quando esses



novecentos mil soldados, amanhã, partirem para os campos de batalha da França, — cada um d'elles, expressão livre d'uma vontade e d'uma fé, levará consigo uma parcela d'essa formidavel energia consciente que foi sempre, atravez de todas as vicissitudes, a suprema força da Inglaterra. Qual é o segredo da superioridade dos anglo-saxões? — perguntou um dia Demolins. Sem duvida, — o seu culto da liberdade.

Feira das Mercês

O saloio, raça de berbere ardido de sol que tem sido, nos arredores de Lisboa, o inimigo universal da arvore, — já hoje per-



deu a maior parte do seu pitoresco tradicional. Quem viu, — e, sobre tudo, quem viu a saloia no seculo XVIII, com o bico da sua carapuca de veludo a topetar-lhe a cabeça, a sia curta de crêpos de Lamego, a bota alta de borlas pintada de vermelho no canhão, — ele e ela desembaraçados, vivazes, desnaigando chacoinas, sapatando fandangos, — desconhece-os hoje. E, entretanto, — alguma coisa ficou. A feira das Mercês, com o seu «muro do derrete», onde as solteiras se sentam, carregadas de brincos e de cordões d'ouro, floridas de lenços encarnados, á espera do noivo que as ha-de escolher, — revelou-nos ainda hontem, em todo o seu caracter, a ultima reliquia do pitoresco saloio.

Eterno feminino

Ao acaso da minha estante. Disse La Bruyère: «Sempre que um homem e uma mulher começam a sentir-se embaraçados quando ficam sós, — ou é o principio ou o fim do amor». Disse La Rochefoucauld: «Como é difficil romper uma ligação, — quando já se não ama!» Disse Saint Evremont: «Querer esquecer uma mulher, é ainda pensar n'ela». — Tres infinitamente pequenos do sentimento, — que são tres verdades eternas.

JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo).

OS NOIVOS

O namôro ia alto como o sol do meio dia; e uma manhã, pela festa da Ascensão de Nossa Senhora. o pai de Manuel, erguendo-se cedo, veio ávaranda que dava para o quintal e roçou de amor ao filho:



—É O' Manuel, tu podes vir aqui acima?...

—Vo u, sim senhora...

O moço, que andava passando os olhos por uns excertos de laranjeiras e borbulhas de castanheiros, primicias, alírou ao lado a

chibata, bateu a terra das mãos, e os seus tamancos começaram logo a ouvir-se pelas lages por que se trepava para o arruado das lenhas, extenso, onde ao fundo, sob uma latada, o tanque velho e raposeiro cantava de fresco na manhã serena de dia santificado. Vinha sério, e, não sabia bem porque, inquieto, que o seu coração alguma coisa lhe adivinhava. Prestes, no entanto, levantando da terra, dentre os canhotos, o machado do rachador, começou a subir as escadas de pedra, meio rotas, que exteriormente davam para o andar da vivenda—uma espécie de presbitério abandonado e longo, com abóboras meninas côrando ao tempo sôbre o telhado e um santo franciscano, muito suio, abrindo os braços, no nicho cavado da frontaria, para as portas fechadas do ceu inextrável...

—E que se tu não tivesses onde ir, falavamos aqui duma coisa, Manuel...

—Eu não senhora—respondeu o moço, descedendo da janela a gaiola de prechas do pintasilgo. Só estou á espera do João, que me foi á cidade, a vender uns coelhos pequenos.

—Então sen'áqui.

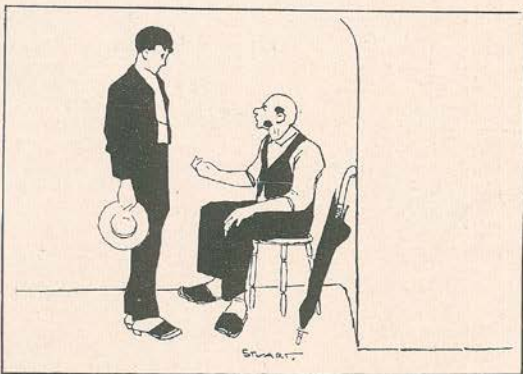
E o velho, cançado, começou então a arrotar forte e repeídas vezes, com um estremecimento custoso, ao caldo verde do jantar matutino.

—E' que tu, filho—começou, va'aroso—tu estás um homem, e eu bem sei.—enfim a gente é velho, já não tem os olhos fechados—que em se chegando a um certo tempo, cada um trata de arranjar o seu canto, a sua família, e agora muito mais, porque os tempos são outros e as vidas n.º prestam p'ra coissíssima nenhuma... E daí, pensava eu, talvez te conviesse, a teres de dar o passo, da-lo este ano ou passante este em que estamos já que esta minha saúde, a falar a verdade, não corre pelo melhor, e assim a vida não é de grande duração. ¿Que dizes tu, Manuel? Han?... Deixa lá a ga'ola... ¿Que dizes tu, meu filho?...

O rapaz, todo direito á janela e com duas grandes lágrimas prestes a desprenderem-se-lhe dos olhos, não falava, prêso e abismado a olhar, numa abstração profunda de todos os sentidos, lá adiante, como erguida sôbre tóda a vege.ção verde e alegre dos vales, a menágem heróica de Santa Maria de Guimarães, cuja couraça de heras, espessa e ousada, o sol doirava em meio.

—Tu bem vês, Manuel...—continuou. iEu e tua mãe, assim como assim, filho, estamos velhos!...—e cortava com a palma da mão, nas faces, as lágrimas correntias, estremecendo e aspirando o chôro, nervosamente. De modo que, quisquer dia, tem que ser, filho, não há outro remédio... É' lei!... Então, que se lhe ha de fazer?... Já eu fui assim, tua mãe foi assim, todos são assim... É' lei do mundo... Custa, custa!... Mas então, o Senhor quer assim, faça-se a sua divina vontade!... Porque nós, a d'zermos a verdade—e limpava a mão húmida ao linho da

camisa—dava-mo-nos todos aqui como Deus com os anjos... Lá isso!... Mas e ntão... Também não é para tristezas... Eu é que não posso... Mas, vamos: seja o que o Senhor quiser... E como ie deu para ali, para aquela pequena do João da Cantô-nha que tem alguma coisinha de seu e é videira, não ias mal,



cá a meu vér não ias mal, filho, visto que é tempo de te arrumares. Enfim, o que se ha-de fazer amanhã, faça-se hoje, que sempre a gente, ao menos, tem a alegria de te ver feliz!...

Entravam as lágrimas a secarem-se-lhe na

face, luzentes e esparsas sobre as rugas profundas que a sulcavam, e nas quais melhor se lia o seu espirito de retidão e de amor.

—Do mais, nós não te damos o que o nosso coração queria, porque o não temos... Tu sabes, filho, que o não temos... O que tua mãe amigalhou teu é, teu tinha de ser, porque, vamos lá, metade tu o ajudastes a ganhar. Mas tu és forte, tu o ganharás melhor. A principio não me quiz parecer que saisses assim, não. Aquelas quartãs que te deram aos cinco anos, quasi te iam deixando tontinho do juizo e fraco. Ora pois... Mas, a Senhora das Neves fez o milagre, fomos contigo ao mar e arijastes, estás um homem; e, o que é mais, um homem para ganhar a vida. Não te ha de faltar fortuna, Manuel; has de ser rico! Mas praza a Deus, pelo menos, creatura, que, tenhas saúde e tanta sorte como eu tive com tua mãe, que é uma santa, porque o dinheiro a um homem não é o essencial. Do mais...—e levantou-se para o filho, que permanecia á janela, de olhos no longe — tu dirás... Se queres que eu vá lá adeante, á Cantonha, arranja-me a jumenta, que eu sacudo-me hoje mesmo, numa saltada, e tudo se combina. Que te parece? Não...

—Sim, senhor... Como voçmecê quizer...

—Mas tu!... O' diabo!...—descobriu, adeantando-se e puxando as calças na barriga. Tu parece que também entristeces!... Toma, que te dou eu! Que é lá isso? !... — perguntava, voltando o filho, comovido, para um grande abraço. Olha que vais casar, Manuel! Vais ser senhor teu!

ser um homem! iter umas terras e uma mulher que cuide de ti! Tua mãe é que... Sim... Coitada!...—e de novo limpava á calça de cotim as costas da mão, humidadas lágrimas. Mas sabes tu que mais—voltou, decidido—veste a quinzena e arranja-me depressa o animal!

Apararam-se, cruzando no quario, cada um ao seu destino.

E ás nove, domingo sobre a jumenta, aparelhada de albarda de linho e bezero, com grossas borlas azues, o velho lá seguiu com fôsto, flauteando, a rir e a rever, na terra alheia, as novidades que já haviam despertado ao contentamento moço e alvorçado do sol, por essa graça de maio florido.

Em redor, e ao alto, pelos campos como crianças que ansiosamente se debruçassem, tentando os primeiros passos sobre velhas e longas latadas, as hastes tenras das videiras porjavam em crescer e avançar, conquistando por completo o espaço dos vigamentos que as suspendiam, para depois, com prazer, no agosto que em breve viria, se unirem e enlaçarem, frondosas e espessas, na festa báquica a que o sol pontificava, e na qual, de'iciados sob a canícula, tão bem se casavam os zumbidos indolentes das abêlhas

e a resonancia melódica das arraiadas distantes.

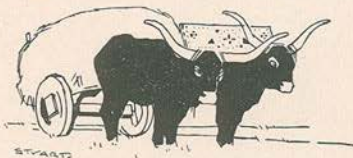
Assim, caminhando e rindo, eles viam que se apascentava na paisagem, até os cabêços do longe, erguidos mais na atmosfera limpa, e azulados e fundidos pelo sol, uma transparencia luminosa de quadro. Ali, mesmo, sobre as suas figuras pitorescas, que diminuiam caricaturalmente ao sopé das verdes arvores gigantes, um canto de ave, ligeiro e que parecia arquear para as nuvens de sonho que se abriam pelo ceu ligeiro, adoçava e como que alongava a expressão primaveril daquela manhã sobre todas formosa.

Ao descerem as lages enormes dessa caída por que passavam cuidados logo lhes surgiram, florindo o socalco de uma horta, na casa do João da Catonha, as ultimas japoneiras do inverno, que havia pouco terminára. Entre a amarelidão sequiosa dos troços encanados das hortaliças, que se espigavam de flôres claras e parecidas com grandes cachos indolentes de glicínias, esse despontar imprevisito dos largos ramos vermelhos, sobre as arvores fortes e redondas, evocou-lhes um riso humido e fresco de raparigas alegres saudando, entre gritos de generosa mocidade, pela matina festiva, o visitante bem esperado. Vendo-as, de olhos muito contentes para elas e onde uma rustica e inexcusable ternura estremeçia á flôr de uma lagrima mal contida, Manuel, alvorçado e bom, sentia-se engrandecer, subir, entre aquela felicidade desconhecida na sua existencia. Deus era bom; e que lindo, que amoroso, o viver como Deus queria!..

Uma voz, vinda do longe, do lameiro liso e assedado, onde algumas raparigas, curvadas, cegavam a frescura verde que comprazia os gados, começou longamente cantando; e, cada vez mais melodiosa e mais alta, entre o quasi silencio dos dois caminhantes, a voz fina descerrava no espaço alegre, de uma leveza e graciosidade ligeiras, como que um devaneio primitivo de avena pastoril.

—Trepal!—bradou Manuel á jumenta, pondo-se-lhe defronte curvado, a retezar com decisáo as ferragens brilhantes do freio a estrear. Andai... sóbe!...—e cascalhava a lingua nos dentes, incitando-a e batendo-lhe á toa o chapéu de pasta, com fôro côr de rosa, sobre as ventas abeias e teimosas.

A jumenta arqueou um salto sobre as lages e, apertada no freio sob as mãos largas e vermelhas do moço, breve entrou o arco do muro da quinta, todo enramalhado de heras, dentro do qual, sobre a colmada húmida do quinteiro, se alçavam as escadas de pedra da vivenda do João da Cantonha.



—O' Joaquim! ó homem — dizia o dono da casa, em cima, a rir-se sob o telhado frõnho da portada. Tu pareces-me o rei Bamba!

—Ou o diabo que te carregue! Ajuda-me a descer, ó Manuel...

—Tu, então, vens cá hoje?... Que nova é essa?!... — e veio batendo os tamanos pelas lajes fôscas da escada, passando a mão no pote da alfúdega e roçando-a, desejoso, depois pelas azas abertas do nariz.

—E' verdade homem... — respondeu o pai de Manuel, alijando-se da jumenta, sôbre o peito do filho. E' verdade!... Disseram-me que tinhas cá um capão tenro e -bem tratado, e eu, como nunca provei um flautista dêsses, cá estou para t'ó comer com arroz.

O João da Cantõnha adeantou-se para segurar a jumenta pelo freio.

—Adeus, ó Manuel.

—Tio João, como passou?

—Eu, bem, obrigado. E como vae lá a tua mãe?

—Louvado Deus, vamos andando...

O velho prendeu-se aos braços do Cantõnha para adextrar e equilibrar as pernas.

—Com que então, seu Joaquim, você quer-me provar da françalhada? Mata-se um. Eles não estão aí para outra cousa. E vamos lá, com Deus, que a mulher agora ainda lem trazido por aí alguma pinturada menos má. Pois é isso... Queres tu esê meu braço para te arrimares?

—Estás fraco para madama!... replicou o outro, tomando o braço do Cantõnha e jincando a bengala de carvalho, meio cuivado.

—Pois é isso... é Mas tu que diabo vens cá fazer?... Vens no peditório? Tu também és da confraria?...

—Não. Espera... O' Manuel... tu ficas por aí... que nês tornamos já...

Manuel ficou; e adeantou-se logo, a lançar á jumenta a correia das rédeas no pedrez fronteiro, da porta da côrte, com o pensamento inquietamente posto no assun'õ d'aquela visita á Cantõnha, que agora atingia para o seu coração comovido e moço como que a iminência de um grande perigo. Mas ao voltar-se, quando já os dois velhos, tagarelando, haviam cruzado a soleira da entrada, lá em cima, viu adeante, com surpresa, a sua noiva arregaçada e alegre, que batia a cancela do pomar com uma onda de goivos roxos conduzidos dentro das pontas erguidas do avental.

—Chiu?... Olé!... O' Rosa?!... Ou-
ves?...

Os olhos azues da moça voltaram-se, abertos num grande ar de alegria suprendida, e logo vieram a correr para êle, a cada momento maiores, cada vez mais fixos e azuis.

—Manuel!... exclamou, suspensa e deixando-se aprisionar, humildemente, pelo braço desnudado e liso, sob uma imposição cautelosa de silencio.

—!...

—O que?!...

—Tenho muito que te contar!...

—Mas o que?... Que foi?!...

—Chiu! Fala baixo e anda comigo...

E os dois foram descendo, com leves passos medrosos, contornando todo o alto suporte da escadaria de pedra, a caminho do arco da quinta, acolhoado de heras, emquanto em baixo, no lameiro, sempre eclogante e fina, a voz da cegadora desconhecida, harmonizando a manhã de oiro, subia e requerebrava com o seu motivo eterno de avena.

—E' que... — começou dizendo, risonho e recostado nas heras espesas do arco, sob a chavadá gloriosa do sol, e prendendo-a pelos ombros, com segredo. E' que... — e, não podendo mais, beijou-a impulsivamente na face, como numa traição.

—Mas tu estás doido!... — exclamou a namorada, sacudindo-se e protestando.

—Pois tu não me tinhas dito — perguntou comovido — que só me davas um beijo no dia em que o meu pai te viesse pedir ao teu?...

—E...?!...

—Chiu... Cala-te. Fala baixo!... — dizia, apontando para cima, para o resguardo da escada, e segredando: — Lá dentro... os dois!... Já lá

estão há um bocado.

—O' Manuel, é verdade? Sério!?...

—Verdadeiro como este sol que nos alumia, Rosa! — e aperiou-lhe a cabeça contra o peito, numa enorme efusão de ternura.

De cima, nesse momento, duas cabeças de velhos, deitadas de fóra do muro de resguardo entre os po:es da alfúdega a espigar, cantarolavam a um tempo, surpreendendo o estalado alegre do ultimo beijo:

—Có, que, ró, có!... Franguinhos ao poleiro!



Alfredo Guimarães.

NO CAMINHO DO DEVER



Alguns officiaes que fazem parte da expedição.—1. Fernando Augusto Freiria, capitão do estado maior de artilharia—2. Roberto da Cunha Batista, major de artilharia com o curso de estado maior—3. general Jaime de Castro, comandante de divisão—4. José Estevão Concelção de Mascarenhas, capitão do estado maior de artilharia—5. Artur Ivers Ferraz, capitão do estado maior de artilharia—6. Luiz Augusto Ferreira Martins, capitão do estado maior—7. Nicolau Homem Teles, ma-

Jora artilharia—8. Luiz Augusto Almeida Varela, capitão d'artilharia—9. Vitorino Guimarães, capitão da administração militar—10. Tomaz de Sousa Rosa, tenente coronel de cavalaria—11. Eduardo Augusto de Azambuja Martins, capitão do estado maior de infantaria—12. Alexandre Herculano Garcia, capitão de artilharia—13. André Brun, tenente de infantaria—14. Helder Ribeiro, capitão de infantaria—15. Rul Viterbo, capitão de engenheria

Em obediencia ao nosso tratado de aliança offensiva e defensiva com a Inglaterra, apresenta-se a primeira expedição de tropas portu-

guezas para ir combater ao lado da nossa poderosa aliada de seculos, em defeza de principios e



de direitos que tambem são os nossos.

A patria não se defende só sobre a nossa terra; defende-se em toda a parte onde o exida o nosso

ge a honra do seu nome, a desobriga sagrada dos seus compromissos, a manutenção dos seus mais

legítimos direitos. O verdadeiro soldado alista-se para defendê-la, sem se preocupar onde terá de o fazer amanhã. Isso pertence a quem tem a direção suprema dos destinos do país.

Tem sido esse o espírito de obediência e de disciplina do soldado português. Vae partir para França, como partiu para a Africa, como poderá partir para outro territorio, aonde complicações imprevisas d'esta tremenda luta o levem a combater. Ele bem sabe pela sua historia, farta de exemplos, que a mais segura defeza da patria se faz muitas vezes longe d'ela. Os seus ideaes, os seus interesses, a sua integridade, a sua autonomia, quasi nunca se põem em jogo tão arriscado fronteiras a dentro, como fóra d'elas. Defendê-la lá fóra é, em varios casos, conjurar um ataque a que não poderiamos talvez resistir cá dentro; é compartilharmos, com outros, de triunfos, que nos evitem uma derrota, a sós.

Eis o que se nos impõe irrefragavelmente n'esta gravissima conjuntura. Ninguem se deve iludir; e procurar iludir os outros seria um crime.

Temos de combater. Cumprindo o nosso dever de aliados, havemos de o fazer com a prontidão, com o denodo, com que certamente exigiriamos o cumprimento do dever reciproco. Se assim não procedessemos, cobrir-nos-iamos de oprobrio, e seria esta a primeira vez que tão infamante labeu enodoaria a nação portugueza.

Em circumstancias algumas, atravez dos seculos, Portugal se esquivou a entrar nos conflitos internacionaes e, quantas vezes, mais sob

a invocação do seu brio, da sua galhardia, dos seus compromissos de honra, do que dos seus proprios interesses! E, nem mesmo, afigurando-se pouco propicia a sorte das armas, ele vacilou um momento, ou se demorou em partir, cheio de confiança no seu braço e orgulhoso de saber honrar-se! Foi isto sobretudo que o fez moralmente grande, que o tornou universalmente respeitado.

E' á sombra d'esta forte herança moral que temos vivido ufanamente, é com ela que respondemos a suspeitas ou a apódos de fracos, é com ela que nos galvanisamos nas horas de desfalecimento.

Pois, exatamente, no momento inadiavel em que vamos provar que sustentamos religiosamente essa herança, que continuamos a ser dignos d'ela — n'esse momento, que é de vida ou de morte, é que nos havemos de mostrar indecisos, tibios, impressionaveis a declamações anti-patrioticas, á exploração de um falso sentimentalismo, que nada tem com os lídimos afetos do coração, porque estes não contrariam, em caso algum, o cumprimento de deveres, antes o recordam e n'ele se acrisolam como no cadinho das grandes provações!

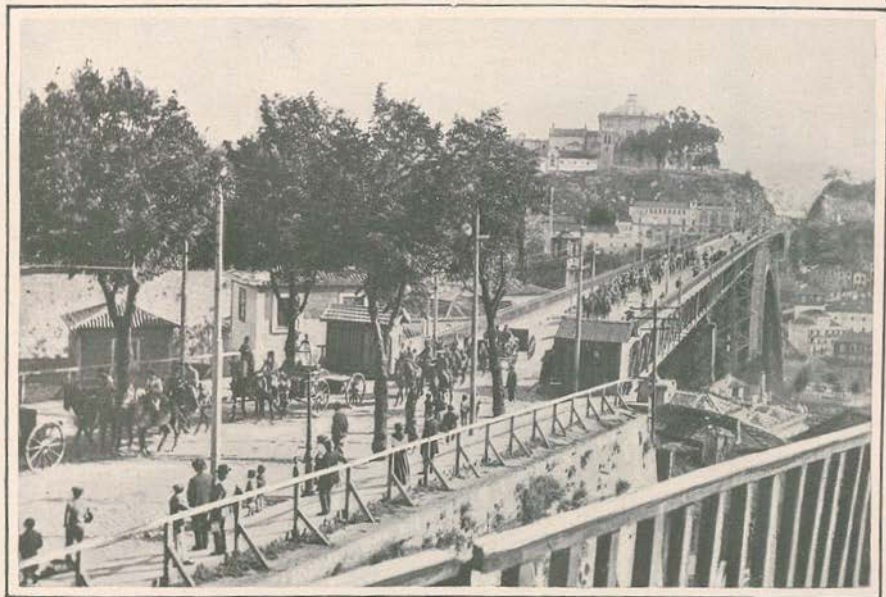
E' natural que quem parte, como quem fica, derrame lagrimas. Até o mais forte, o mais stoico difficilmente as reprime. Mas as lagrimas que os paes choram com as cabeças dos filhos apertadas ao peito, ou as mulheres loucamente abraçadas aos maridos, ao partirem para a defeza da patria, nunca, por mais que as pretendam envenenar para eterna desonra de todos, os fazem, nem farão, desviar do caminho do dever.



A artilharia preparando-se para marchar em linha de batalha.—(Fotografias do distinto fotografo-amador sr. Manuel Moreira da Silva)



Em Valongo : — Exercícios de tropas que hão de tomar parte na expedição: Uma patrulha emboscada



Passagem da artilharia sobre o taboleiro superior da ponte D. Luiz I, dirigindo se para Valongo



Ides á guerra! Esplendida jornada!
 Por salvaguarda a vossa intrepidez
 E na folha gentil da vossa espada
 O nome portuguez!

Levaeis tambem a firme companheira
 Que nunca abandonou a nossa gente:
 A luminosa e intrepida bandeira
 Das terras do Oriente.

E vae comvosco o olhar seguro e brando
 Das mães, por vossa causa tão vaidosas,
 O caminho da gloria iluminando
 E cobrindo de rosas.

Esplendida jornada! acompanhar
 As mais brilhantes legiões da terra
 No mesmo ideal de liberdade, a par
 Da França e da Inglaterra!

No fragor da batalha decisiva
 De alguma voz energica e leal
 Na vossa lingua sonora e viva
 Ouvir: «Por Portugal!»

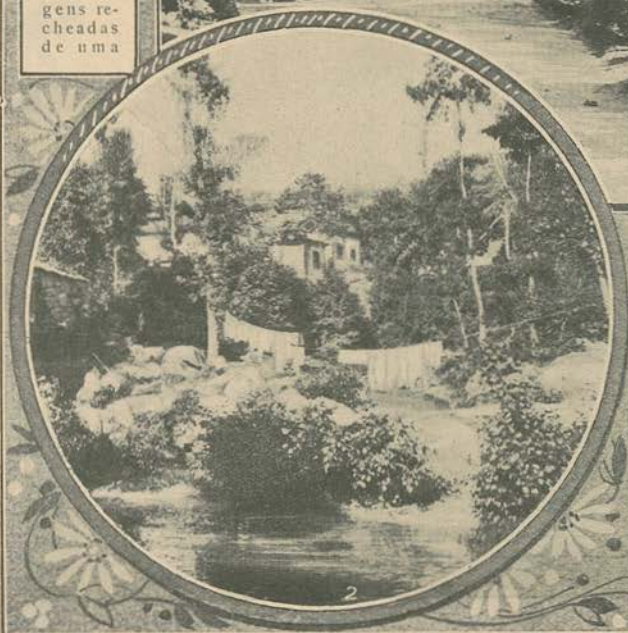
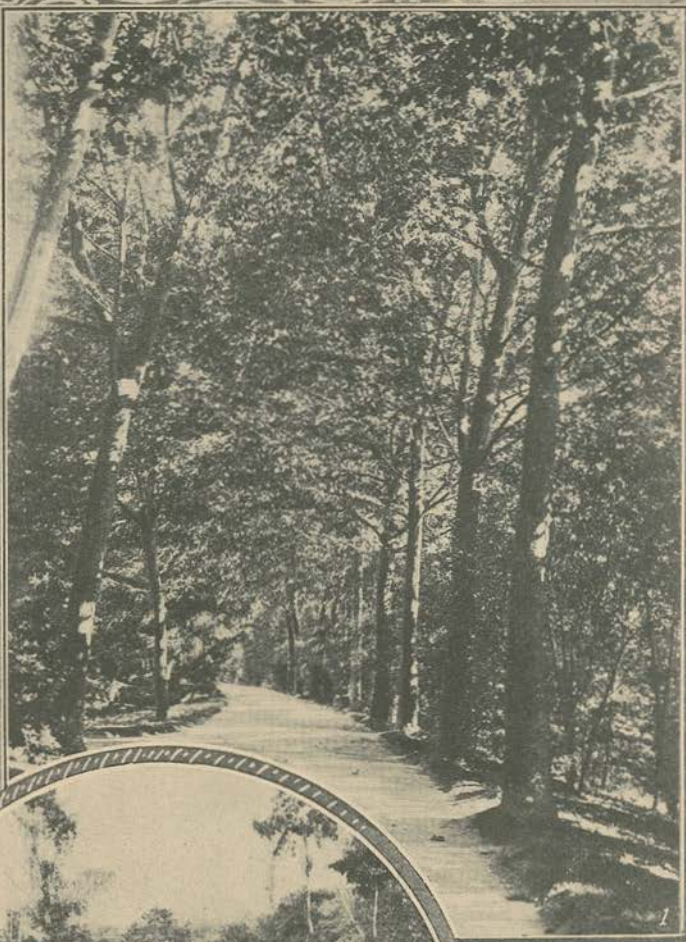
Ide porque é sagrada esta missão
 E, avivando entre o fogo e entre os clamores
 O amor da patria em vossos corações,
 Heis de ser vencedores.

Acacio de Paiva.

VIZELA

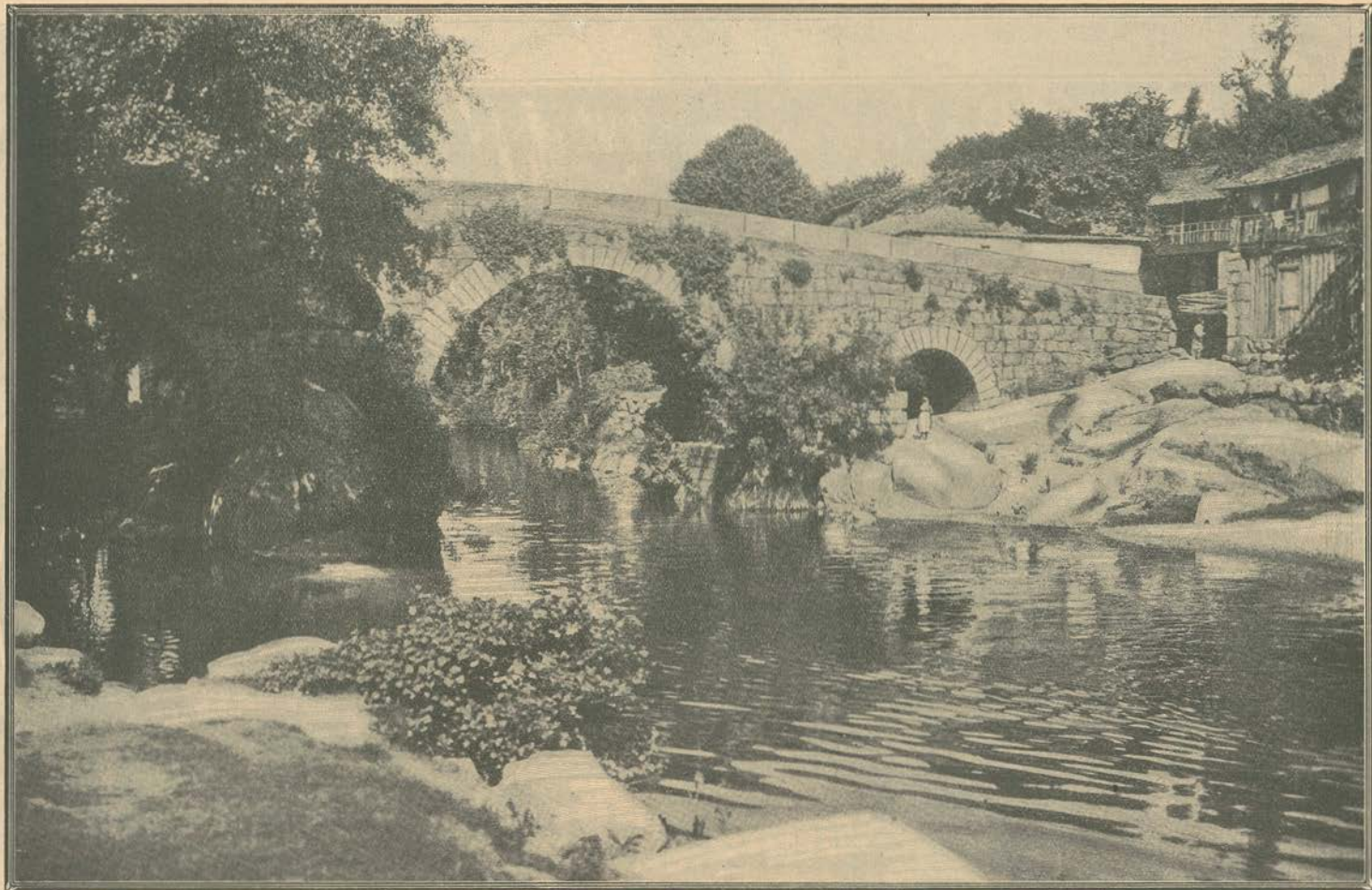
Vizela é uma das estações de águas mais pittorescas do norte de Portugal. Os seus encantos naturais e a fama das suas águas levaram este ano ali um numero consideravel de aquistas, tendo-se conservado os hoteis sempre repletos.

No seu lindissimo rio, que corre quasi sempre entre margens recheadas de uma



1. Uma avenida do Parque. — 2. Um trecho do rio.

forte vegetação, realisaram os aquistas muitos passeios, reinando sempre entre elles a mais franca alegria.



Ponte velha de Velzal

Os Socorros d'O SECULO aos Feridos da Guerra



A segunda remessa de socorros feita pelo «Seculo» aos feridos da guerra é o dobro da primeira. Os objetos, num total de 9.517 peças, são os seguintes: Colchas, 154; toalhas de linho e algodão, 781; peugas de lã e algodão (pares), 1.280; camisolas de malha, 294; ceroulas de malha e de pano, 227; cobertores de lã e algodão, 158; lençãos de linho e algodão, 196; camisas, 375; fronhas, 585; almofadas completas, 107; lenços, 632; lenços de 3 pontas (modelo Mayor), 262; ligaduras e ataduras, 2.518; tampões de gaze, 548; pacotes de algodão hidrofilo, 1.013; alpergatas ou sapatos de trança (pares), 218; suspensões para braços, 7; alfinetes de ama (maços), 20; barretes, 292. — («Cliché» de Benollei)

VIDA COLONIAL

Não se pôde dizer que a vida nas colônias seja um paraíso. E de mais a mais quando seja no Zumbo, que pertence ao distrito de Tete e está afasta do mil cento e oitenta quilômetros do litoral e quatrocentos e vinte e oito da sede do distrito. Mas, apesar dos perigos com

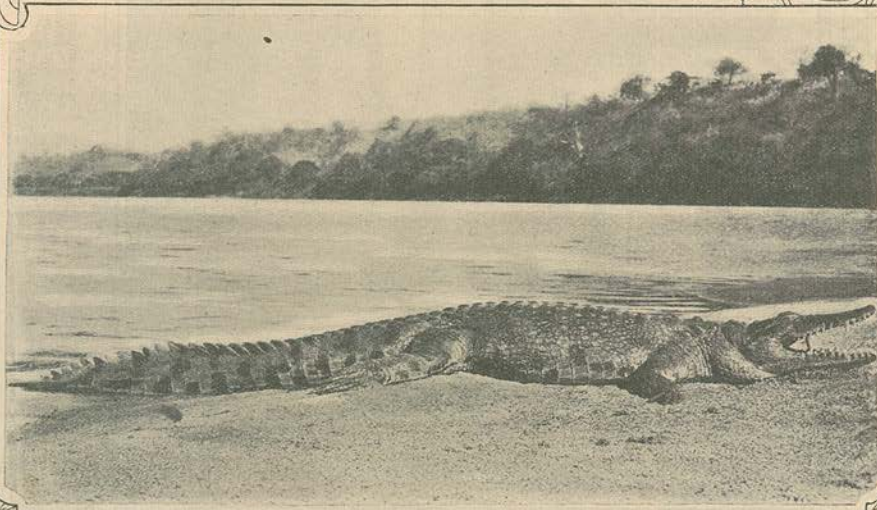
que arrosta o europeu que vai para tão longínquas paragens, o imprevisto dos seus quadros, a aparição dos incomodos animais, como crocodilos, hipopótamos e outros de varias especies, parece que em alguma coisa compensam os sacrificios feitos pelos que deixam as cidades tão cheias de atractivos. De outro modo não se explica a corrente

sempre crescente dos individuos que deixam os seus lares, as suas relações na metropole para irem de encontro a uma vida de que desconhecem os perigos ou as venturas.

As fotografias que reproduzi-



Um crocodillo pequeno



Crocodillo do rio Zambeze aquecendo-se ao sol



que os hipopotas levantam com fúria com o sentido de apanharem uma presa, tudo isto não servirá de distração, mas são verdadeiros elementos de estudo para os mais curiosos.

Apezar do clima do Zumbo ser bom, muitos indígenas emigram para as colônias inglesas, conseguindo alguns juntar um peculiosinho que lhes assegura a tranquilidade na velhice.



mos, que nos mostram a forma como o indígena viaja em terra, não se temendo dos crocodilos que o perseguem, como se conduz nas suas embarcações



1. Uma almada em viagem—2. Zebra bebendo água no rio Zambeze. — 3. Pequeno hipopótamo (cavalo marinho)

NO BRAZIL

O «Grupo dos Lusitanos Intransigentes», um núcleo de portugueses residentes em S. Paulo, realizou um passeio á progressiva cidade de Campinas, do mesmo Estado. Cheios de saudades, os «Intransigentes» visitaram todos os pontos que



6-Set.-914.

O grupo dos «Lusitanos Intransigentes» na cascata do «Manuel das Couves».

lhes recordasse a patria querida ficando maravilhados com a Beneficencia Portugueza, n'uma visita realizada ás suas dependencias. Depois reuniram-se no aprazivel sitio denominado «Cascata do Manuel das Couves», onde se fotografaram, acabando por irem jantar ao Hotel Paulista, onde se trocaram afetosos discursos em que a patria e as suas familias eram visadas com saudade.

Os excursionistas retiraram para S. Paulo, conservando d'aquelle dia as mais gratas recordações.



O almoço dos excursionistas no Hotel Paulista

A EUROPA EM GUERRA



Continua indecisa a grande batalha do Aisne, embora sejam sensíveis as vantagens ganhas pelos aliados. Todos os dias se espera o desfecho d'esse prelúdio titanico que cada dia parece re-erudescer, com a intervenção de reforços de um lado e do outro.

Os alemães batidos em França, sentindo faltar-lhes o terreno, voltaram os seus furores contra a Belgica, deixando transparecer o fito de se apoderarem do litoral, tanto d'aquella paiz como da França. Esta variante de plano não lhes dará certamente o melhor resultado que a celebre fantasia de entrarem em Paris, porque a desmoralização e o esmorecimento que lhe invadiram o exercito, depois de tantos desastres, não fizeram só perder a confiança no alto commando, fa-

O sr. Poincaré, presidente da Republica Franceza, e o general Joffre, comandante dos exercitos, na frente da grande batalha do Aisne—(Cliche» Branger).

zem-n'o revoltar contra a louca aventura de subjugar a Europa.

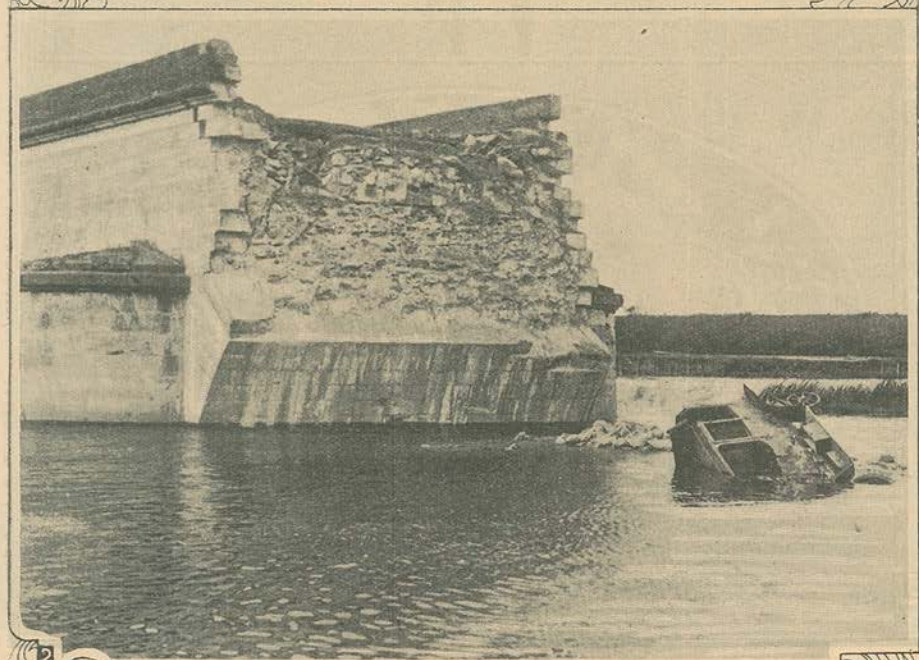




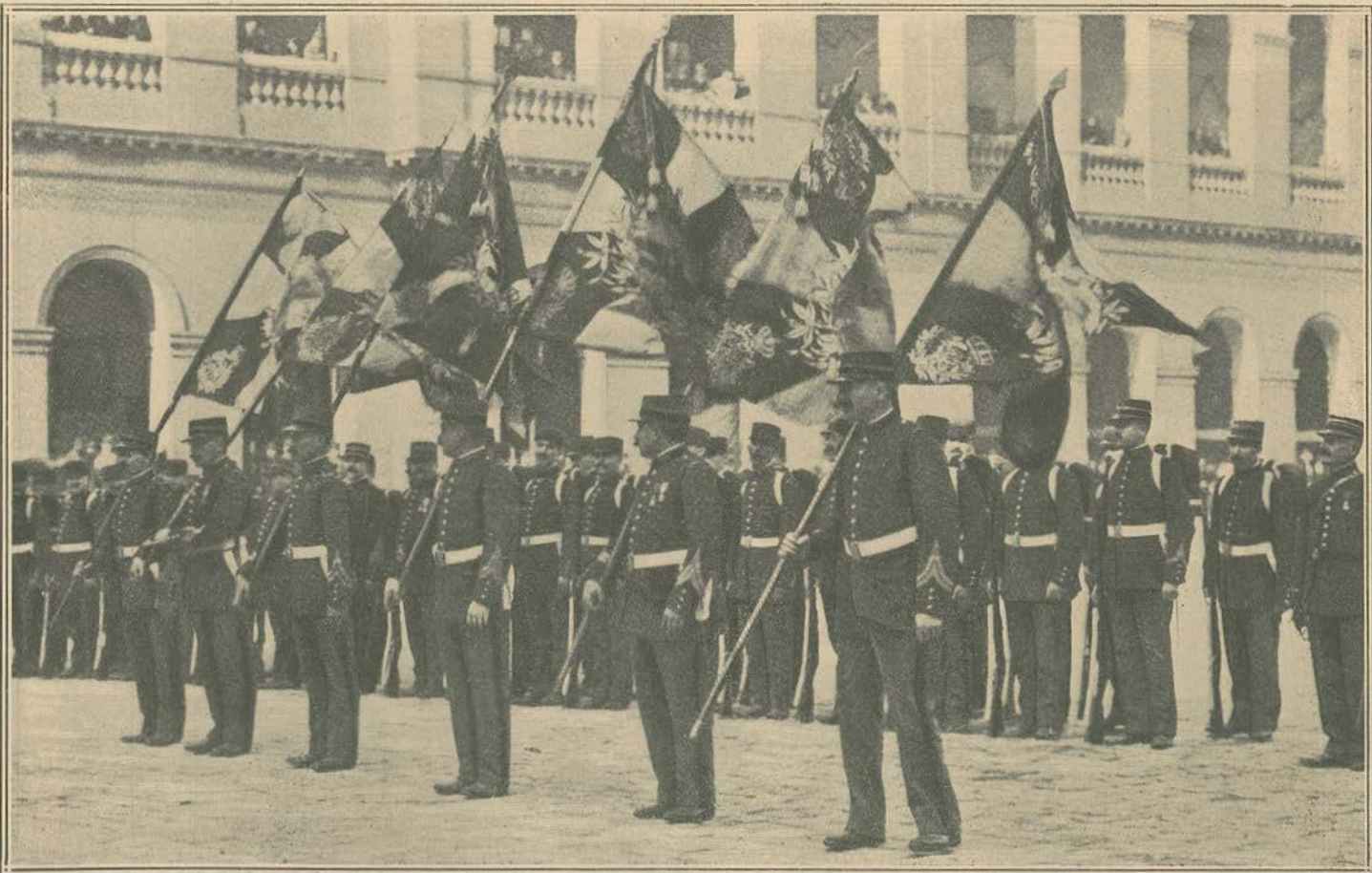
1. Os cossacos, em posição de combate, esperam o ataque dos austriacos. — (Clichê Illustrations-Gesellschaft). — 2. Transporte de alemães prisioneiros perto de Reims. — (Clichê Chusseau-Flaviens). — 3. Um trecho do campo de batalha, reservado para as sepulturas dos heróis franceses. — (Clichê Chusseau-Flaviens). — 4. Soldados austriacos na sua fronteira. — (Clichê Central Photos).



A estação postal de Joinville, ocupada pelos alemães.—(«Cliché» M. Branger).



A ponte de Trilpmt demolida.—(«Cliché» Chusseau-Flaviens).



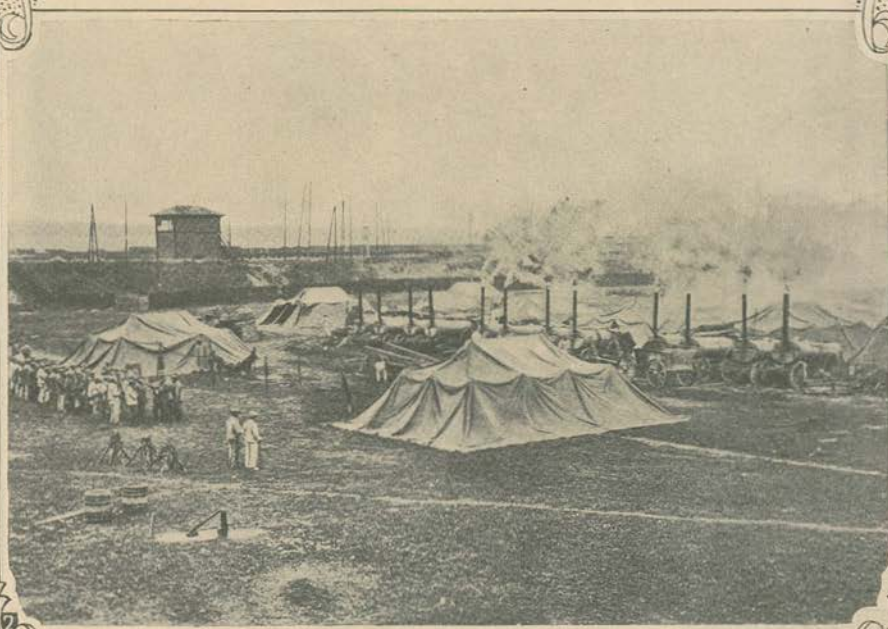
As bandeiras alemãs, tomadas nas últimas batalhas, depositadas nos Invalidos.—(«Cliché» M. Branger)



«Madame» Marcherez que, tendo o «mal» de Boissons abandonado o seu posto, recebeu os alemães, dirigiu e administrou a cidade durante a ocupação, conservando-se ainda a frente do governo d'ela. — («Glicé» M. Branger).

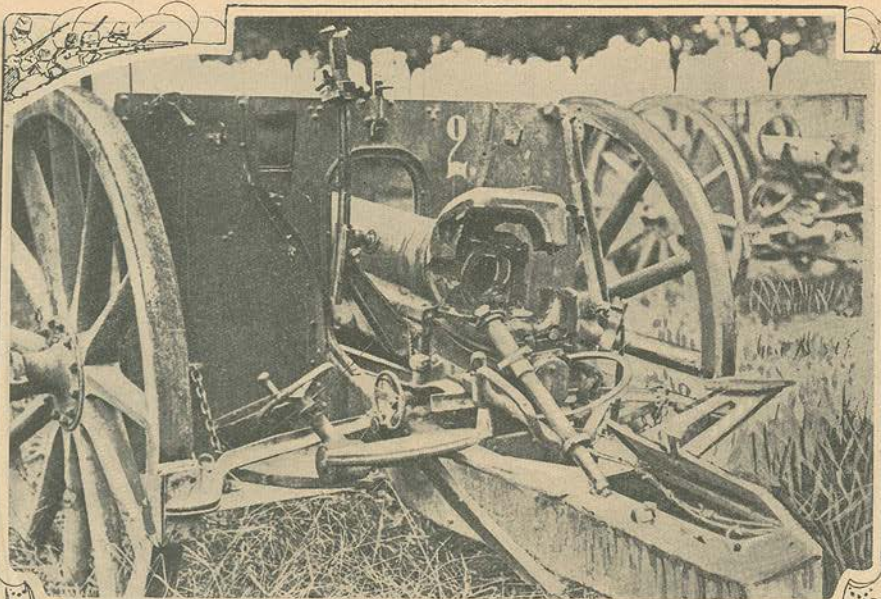


Um dos salões do Castelo de Acy depois da ocupação das tropas alemãs



Nos arredores de Rethel.—Os fornos alemães de campanha

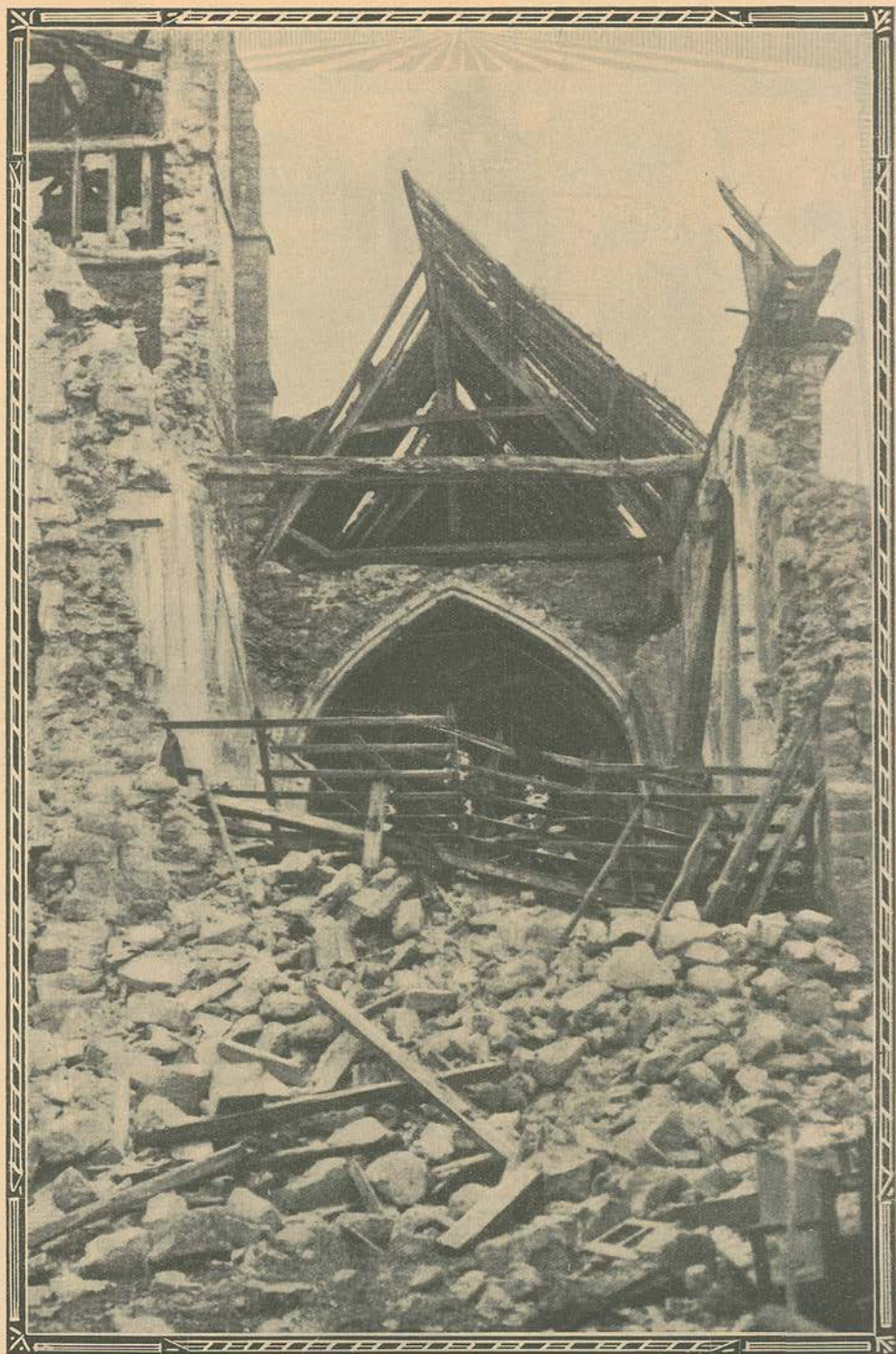
(«Clichés» M. Itanger).



Canhões abandonados e destruídos pelos alemães.—(«Cliché» Chusseau Flavens).



condução de bois para alimentação dos exercitos aliados.—(«Cliché» M. Branger).

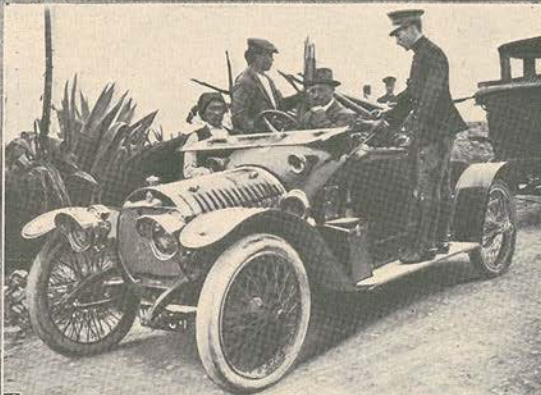


Egreja d'E'tavigny (Oise) bombardeada pelos alemães. — (Clichê M. Branger).



O porto de Anvers

CONTRA A PATRIA



1



2

Os monarquicos mais uma vez tentaram contra as instituições. Mas d'esta vez foi uma tentativa mais ridicula do que as anteriores. Nem ao menos os rebeldes conseguiram que o seu movimento se exteriorisasse para além dos campos de Mafra, onde um pequeno grupo deu sinal de si no dia 19 do corrente, pela madrugada. Um tenente, o famigerado conspirador Henrique Constançio, que já recebera da Republica o per-



3



4

ção de atentados anteriores, quiz pagar essa generosidade levando alguns desgraçados a um ato criminoso. Usando de deslealdade para com os seus colegas que com ele estavam na Escola Practica, manhã ainda cedo, quando não se esperava coisa alguma de anormal, appareceu-lhes nos seus quartos a induzil-os a acompanhal-o n'esse louco movimento. Como não foi atendido ordenou-lhes a prisão nos seus aposentos e veio com a sua horra arvorar a bandeira monarchica no magestoso mosteiro, estabelecendo patrulhas a todas as entradas da vila, que por algumas horas esteve em um estado de sitio por assim dizer comico.

Pouco durou, porém, o grotesco dominio do irrisorio heroe. Conhecida em Lisboa pelo governo a noticia do atentado, dirigiram-se para Ma-

1. Automovel em S. Pedro da Cadeira com os srs. Alberto Portela, Antonio Costa Rodrigues e Salvador Costa, conduzindo o armamento apreendido. 2. Camponeses com o armamento descoberto entre as urzes e vinhedos. 3. Civis de Torres Vedras dirigidos pelo tenente Vieira em perseguição dos rebeldes. 4. Na estrada de Torres. Uma avançada de cavalaria 4.



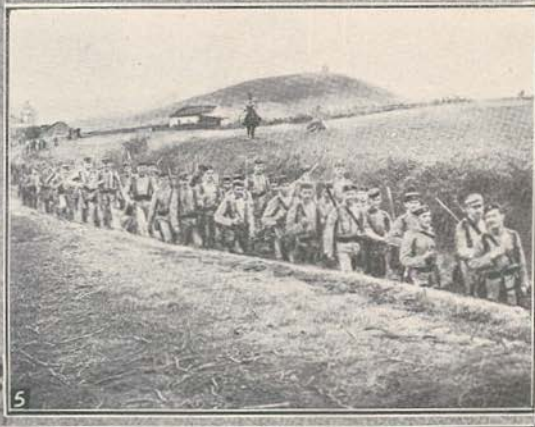
Ha a lamentar no desenrolar d'este novo ato da comedia monarchica a morte de dois cabos que faziam parte de um pequeno contingente que perseguiu os insurretos e que foram atingidos pelas balas inimigas na occasião em que ousadamente subiam uns cerrros para baterem os conspiradores. D'estes tambem um homem ficou morto, um homem do povo, arrastado inconscientemente para aquella aventura que, n'uma epoca de graves complicações externas que atravessamos, ainda dobra a hediondez de tal crime.

Aquele acontecimento causou grande indignação em Lisboa, motivando um movimento popular contra as redações dos jornaes monarchicos da capital, que foram destruidas, bem como os utensilios das suas tipografias.



1. Artilharia de Queluz em perseguição dos rebeldes entre Mocafoeira e S. Mamede da Ventosa.—2. Campones transportando espingardas apreendidas.—3. O administrador do concelho de Torres falando com o comandante da força de artilharia.—4. Burro carregado com armas e cunhetes apreendidas nos rebeldes.—5. Infantaria 5 seguindo para S. Mamede da Ventosa.—(«Clichés» Benollet).

fra cavalaria 4 e a artilharia aquarteladas em Queluz que encontraram já a vila livre dos importunos conspiradores, que haviam fugido para os montes proximos, abandonando pelos campos as armas e munições de que se tinham apoderado nos depositos da escola.



A guerra humorística

—O quê? perguntei eu ha dias a um vendedor de bilhetes postaes, mostrando-lhe a numerosa coleção que ele exhibia na sua loja com caricaturas alusivas á guerra— é certo então que isto se vende bem?

Ele respondeu-me que sim. A cada dia lhe chegavam remessas.



d'um futuro incerto. Em 70, a França, de acostuada á victoria, foi longa em convencer-se da evidencia do desastre: em Paris dansava-se quando as tropas prussianas caminhavam de conquista em conquista. Hoje, não. A guerra uma coisa séria, uma espantosa e terrivel calamidade, todos o sentem. Fala-se d'ela como d'alguma coisa de enorme que pode não se temer, mas que se respeita. Perto de nós um paiz laborioso, probo, admiravel, geme sob a pata do oppressor; a propria França tem provincias invadidas d'onde as populações fugiram entre horrores; em Paris mesmo, os aviadores alemães assassina os velhos, as mulheres e as crianças; a lista dos mortos e dos feridos em todo esse immenso campo de batalha que vae das planicies da Alsacia ao Mar do Norte a cada dia que passa é mais longa, mais dolorosa, mais cruel. E como, em meio de tudo isso, pode haver quem queira rir?

Rir de Guilherme, bem sei. Mas esse kaiserete megalomano e mau já não é esse alvo magnifico para todas as troças que o mundo viu entregue ás suas multiplices paixões de cabotino, que o mundo viu, pessimo arquiteto, pessimo general, pessimo musico, orador pessimo, impôr aos seus subditos de caserna a admiração pelas

D'um postal com as transformações do bigode de Guilherme vendera mais d'um cento só n'uma manhã. Esses bilhetes humoristicos exgotavam-se mais depressa que os de fotografias do teatro da guerra, e quasi tanto como os retratos dos generaes.

O quê?—disse eu então comigo mesmo—no meio de tantas desgraças, tantas lutas, tantas miserias, ha ainda quem pense em rir? Não ha em toda a França uma familia que não tenha no combate, expondo a vida a cada hora, um parente ou um amigo. Vivem-se as horas da mais dilacerante anciedade. Todos soffem das difficuldades da vida presente, da inquieta perspectiva



1. A cara d'ele: antes, durante e depois.—2. O galo gaulez e a agulha alemã.—3. O belga pequenino tornou-se grande.



suas obras archi-ridículas e pelos seus gestos d'histrião. A figura d'esse ator ordinario de más peças, que passou em trajo de profeta pelas terras de Jerusalem, onde passou Jesus, já perdeu a atualidade. O que hoje existe sobre o trono combalido da

Prussia é a figura odiosa do criminoso que milhares de bocas de viuvas e de orfãos amaldiçoam entre lagrimas; é o matoide corado, sob cujas ordens uns tarimbeiros brutaes incendiam os tesoiros de Louvain, as maravilhas de Reims e tentam incendiar Notre-Dame de Paris. E essa figura, que provoca a execração e o odio, não pôde fazer rir.

Então, para saber quem ainda hojeem França tem o espirito assás despreocupado, o animo assás leve, assás con-

tente, para rir das boas piadas a Guilherme e ás hordas dos seus cúmplices, interroguei o vendedor dos bilhetes postaes.

—Mas quem são os seus freguezes para estas coisas alegres?

—Oh, meu caro sr.: os militares. Os rapazes que partem para a fronteira levamos bolsos cheios...

E todo o meu raciocinio tomou deante d'essa resposta simples, como um castelo de cartas. N'um instante eu tive a visão de todas essas figuras grotescas, de subito engrandecidas, arrebatadas como amuletos de esperança pelas mãos dos heroes



1. Partida de «foot-ball» internacional.—2. Como ele completa a sua esquadra aerea.—3. O chapéu de Napoleão.—4. Ferido!

12 d'Outubro

PAULO OSORIO.



5. O fim d'ele... Inclinado de orgulho a mais não poder...—6. Guilherme:—Eu sempre vou apanhando isto!—Nicolas:—Eu tambem tomo isto!—Francisco José:—E eu, então apanho, pancadaria!

A favor dos feridos na guerra — Uma grande festa no "Stadium de Lisboa"



2. Sr. visconde de Alvalade, proprietário do «Stadium», a quem a educação física muito deve já pelos serviços prestados por aquele benemerito 3. Sr. Alberto Rio—1. Sr. dr. José Pontes, o ilustre e denodado propagandista da educação física em Portugal e o benemerito cooperador da subscrição em favor dos feridos da guerra—6. Sr. Francisco Cordeiro—7. Sr. José Alvalade, neto do sr. visconde de Alvalade 4. Sr. Francisco Vieira—5. Sr. Pedro Del-Negro—8. Sr. Francisco Calejo—9. Sr. Plácido Duro

No imponente e magestoso recinto do Stadium de Lisboa, entre o Campo Grande e Lumiar, um melhoramento importante de que a nossa cidade se pôde orgulhar devido a uma arrojada tentativa do sr. visconde de Alvalade e seu neto o sr. José Alvalade, realisou-se uma festa sportiva a favor dos

viu os seus esforços coroados do melhor exito pelo brilhantismo do espectáculo, a que assistiu o sr. ministro da Inglaterra, que inaugurou as corridas de football ao som do *Sare de King*, ouvido de pé por toda a assistência.

O programa elaborado foi rigorosamente executado. A linha do Sport Lisboa e



10. Os campeões do «Sporting Club»—11. A «équipe» do corpo de ma-

feridos da guerra. A comissão, que era composta d'aqueles senhores dos srs. dr. José Pontes, incançavel

propagandista da educação física em Portugal e nosso colega do *Século*, Pedro Del-Negro, Francisco Vieira, Plácido Duro, Francisco Cordeiro e Francisco Calejo,



rinheiros—12 A «équipe» de artilharia—13. O esforço dos marinheiros

Bemfica venceu o *team* inglês; na luta de tração a corda venceu o grupo do Sporting, que teve como ad-

versario um grupo de marinheiros que, apesar de vencido, mostrou as qualidades de atletas dos valentes rapazes que o compunham e que ouviram muitos aplau-



Aspêto do «Stadium» durante a festa



2



3

O ministro inglez inaugura a «epoca» do «foot-ball», dando o primeiro pontapé

do-se o seu fim — socorrer as victimas da enorme catastrophe que atualmente assola a Europa.

Os «teams» de «foot-ball». — («Clilhês» de Benollet).

O illustre tribuno e fluente orador, sr. dr. Alexandre Braga, realiso no Teatro Politeama uma conferencia notabilissima, a que presidiu o sr. dr. Afonso Costa. O teatro estava repleto. O assunto da conferencia foi o da partida das nossas tropas para o teatro da guerra. O conferente comecou por atacar desapiadadamente os portuguezes que renegam a sua nacionalidade, espalhando boatos terroristas acerca da mobilisação. Esses maus portuguezes mereceram ao grande tribuno classificações energicas que os deviam ter deixado ficar bastante mal feridos.

Mas no que o eminente tri-



O sr. dr. Alexandre Braga

buno foi grande, tocando as raias da eloquencia oratoria, foi quando se dirigiu á mulher portugueza, incitando-a a que seguisse os brilhantes exemplos de Filipa de Vilhena e outras damas illustres que ofereceram os seus filhos ainda jovens para combaterem pela Patria. E a mulher portugueza de hoje tem ainda os nobres sentimentos da mulher do passado. Não quer, nem deve querer, que os seus filhos sejam uns cobardes, desmerecendo assim das gloriosas tradições que tanto nos enobrecem.

O sr. dr. Alexandre Braga recebeu ovações que por vezes foram delirantes.



2. Casamento elegante. A' saída da igreja de Santos: os srs. Ernesto e Carlos Seixas, primo e irmão do noivo e a sr.^a D. Gertrudes de Seixas.—3. Os noivos, sr.^a D. Ida Santos de Seixas, o sr. Henrique Mauroy de Seixas e o srr. Eliso dos Santos, pae da noiva.—4. Na «Casa Mãe», beneficente obra do sr. Francisco Grandela, realisaram-se festivamente as bodas da menina Gullhermina Silva, educanda da «Casa» e do sr. José Corrêa Leal, operario da fabrica de tecidos do mesmo benemerito industrial.—(«Clichês» Benoliel).



O cardeal Pedro Gasparri aceitou o cargo de secretario de Estado do Vaticano. A sua resolução foi aceite com as maiores demonstrações de cordelidade por parte das entidades que mantem negocios com a Santa Sé, fazendo todas justicas aos altos dotes intellectuaes e virtueludes que o enobrecem. Gasparri nasceu em 5 de maio de 1852 em Capovalleza di Ussita, na comarca de Visso, dioc-



Pietro Gasparri, o novo secretario d'estado do Vaticano.

se de Narcia. Regeu a cadeira de direito canonico no Instituto de Paris e a 13 de abril de 1894 foi nomeado delegado apostolico do Perú, do Equador e da Bolivia, tendo tambem n'aquelle ano sido feito prelado de Sua Santidade. Eleito cardeal a 16 de dezembro de 1907, recebeu em 19 do mesmo mez o chapéu cardinalicio, com o titulo de S. Bernardo das Termas.



1. A distinta medica sr.^a D. Adelaide de Freitas Pereira Gomes, autora do excelente opusculo de propaganda a "Carie dentaria".—2. Sr. dr. Alberto Judice da Magalhães, novo juiz do 2.^o Juizo de investigação criminal e um dos nossos magistrados mais distintos.—4. Sr. Manuel d'Araujo Brocas, major de infantaria, falecido em Lisboa.—5. Sr. João Rodrigues Cebola, falecido em Lisboa.—6. Sr. Constantino Antonio Monteiro Osorio, falecido em Lisboa.—7. Sr. José Vitorino Godinho, falecido em Lisboa.—8. Sr. José Carlos Pinto da Mota, major de infantaria, falecido em Lisboa.

Marquez de San Giuliano.—Vitimado por uma crise cardiaca faleceu em Roma o marquez de San Giuliano, que, na ocasião da sua morte, era ministro dos estrangeiros no gabinete italiano da presidencia do sr. Salandra. A sua morte foi imensamente sentida não só no seu paiz como no estrangeiro, onde o illustre estadista era admirado pelo seu talento de verdadeiro diplomata. Do conflito que ora se trava na Europa formava ele opiniões judiciosas, que eram muito bem aceites pela opinião publica e de agrado ás nações aliadas que combatem a Alemanha.



Marquez de San Giuliano

O marquez de San Giuliano nasceu em Catania a 10 de dezembro de 1852.

De uma cultura vastissima, muito cedo se dedicou a largos estudos de questões colonias, dando á publicidade varias obras sobre tratados de politica e de sociologia.

Escreveu tambem descrições de viagens e estudos sobre a America do Norte, Erithra e ainda sobre a Albania. O funeral do illustre extinto concorreram todas as pessoas de distincção de Roma, fazendo-se representar tambem muitas deputações provincias



10. A frente da nova nota de cinco escudos.—11. O verso da nova nota de cinco escudos.

**PÕ
DE ABYSSINIA
EXIBARD**
Sem Opio nem Morphina.
Muito eficaz contra a
ASTHMA
Catarrho — Oppressão
e todas affecções espasmódicas
das vias respiratorias.
35 Anos de Bom Exitto. Medalhas D'ouro e Prata.

H. FERRÉ, BLOTTIERE & C
C, Rue Dombazío, 6
PARIS
E BOAS PHARMACIAS

A VENDA

Almanaque Ilustrado d'O SECULO

PARA 1915

0 Epil'vite
0 Epil'vite
0 Epil'vite

CREM-
DEPLIATORIO
pronto - empregar
Eileito ga- tudo.
Pertumado. Tira
rapidamente, a
penugem, barba, os
pelos ma s rijos d
cara e do corpo.

Não produz nem borbulhas nem vermelhidão
nao irrita a pele. - Envio discreto e franco
contra vale do correio de \$30 centavos
REPRESENTANTE: JULES DELIGANT
15, Rua dos Sapateiros - LISBOA

MOZAICOS — AZULEJOS —
CAL HYDRAULICA
CIMENTO AGUIA ROCHEDO
GOARMON & C.^a
Rua do Corpo Santo, 17, 19 e 21
TELEFONE 1244 LISBOA

O Seculo Agricola

SEMANARIO ILUSTRADO
de ensino pratico de agricultura, Jar-
dinagem, criação de animaes, etc.

PREÇO, 20 réis CADA NUMERO

Resposta a consultas; prestação de
serviços tecnicos; analyses e informa-
ções

Por assinatura Trimestre 25 centavos

A MAIS BARATA PUBLI-
CAÇÃO DO GENERO

PARA ENCADERNAR A

"Ilustração Portuguesa"

Estão á venda bonitas capas em
percaline de fantasia para encader-
nar o primeiro semestre de 1914 da
"Ilustração portuguesa". Desenho no-
vo de ottimo effeito.

PREÇO: 360 réis

Tambem ha, no mesmo preço, ca-
pas para os semestres anteri-res. En-
viam-se para qualquer ponto á quem
as requisitar. A importancia pôde ser
remetida em vale do co-reio ou setos
em carta registrada. Cada capa vae
acompanhada do indice e frontespi-
cio respectivo.

ADMINISTRAÇÃO DO "SEculo"

Rua do Seculo, 43 — LISBOA

Trabalhos de Zincogravura,
Impressão e

Fotogravura, Stereotipia,
Composição

Stereotipia

De toda a especie de
composição

Composição e impressão

De revistas, illustrações
e jornaes diarios
da tarde ou da noite.

FAZEM-SE NAS
OFICINAS DA

Ilustração Portuguesa

Postas á disposição do publico, executan-
do todos os trabalhos que lhe são
concernentes, por preços mo-
dicos e com inexcedi-
vel perfeição

Zincogravura e Fotogravura

Em zinco sim'ples de 1.^a
qualidade, cobreado
ou nicklado.

Em cobre.

A côres, pelo mais
recente processo — o de
tricoloria.

Para jornaes, com tra-
mas especiaes para este
genero de traba'ho.

OFICINAS DA

Ilustração

Portuguesa

RUA DO SECULO, 43

CRÈME
TOKALON

Um Seguro contra as Rugas

O MEIO DE FAZER COM QUE A SUA CARA PAREÇA SEMPRE JOVEN, E DE A LIVRAR PARA SEMPRE DAS RUGAS

A Bella SERRANA de Ba-Ta-Clan, Paris, da qual damos abaixo a photographia, declara:

«Dizem que eu teho uma pelle bonita. Se isso é verdade, é graças ao

:: CREME TOKALON ::



O CREME TOKALON, o maravilhoso creme de toilette francez, que não engordura e que é facilmente absorvido pela pel e, é o melhor seguro que V. Ex.^a póde ter contra as rugas e os signaes de idade avançada. Contem nata fresca e azeite de oliveira puro, previamente preparados e purificados por meios chymicos. Estes elementos fortificantes da textura, estão promptos a ser immediatamente absorvidos por ella. O seu fim é de fortalecer a derme sob a pelle, de a nivelar, tornando-a assim absolutamente uniforme, sem o menor vestigio de defeitos ou de rugas. As senhoras que applicam o *Creme Tokalon* antes de se deitarem ficam admiradas da mudança que notam no seu aspecto ao acordar no dia seguinte.

E' o ideal para applicar e fazer adherir os pós, e, mesmo com os grandes calores, a pele não se mostra nunca encarnada ou luzidia, porque este creme é fabricado especialmente com o fim de absorver a transpiração. Amassando entre os dedos um pouco de *Creme Tokalon*, comp'ehenderá V. Ex.^a a sua textura particular. Possui tambem um perfume muito fino e delicioso. Vende-se agora em boiões com tampa hygienica, o que o livra completamente da poeira, da humidade e dos microbios; está muito bem empacotado, e recomenda-se para as viagens.

Todos os perfumes *Tokalon*, os seus pós para a cara e outros productos de toilette acham-se á venda nas melhores lojas de Lisboa e do Porto.

O VERDADEIRO CREME TOKALON É APRESENTADO NO NOSSO BOIÃO DE PORCELANA COM TAMPA HYGIENICA EM ALLUMINIUM.

QUALQUER OUTRA APRESENTAÇÃO DEVE SER CONSIDERADA COMO UMA IMITAÇÃO E RIGOROSAMENTE REJEITADA.

TOKALON, 7, rue Auber, PARIS

Eis aqui um seguro simples e economico para conservar a vossa cara sem rugas

A' VENDA NAS PERFUMARIAS:

LISBOA: — Perfumaria Balsemão, Rua dos Retrozeiros, 141, telephone 2.777; Perfumaria Godefroy, S4, Rua Garrett (Chiado) e em todas as boas lojas do artigo.

PORTO: — Bazar Esmeriz, rua dos Clerigos, 70, 74; Moreira da Silva & Irmão, 188-190, Rua Sã da Bandeira e em todas as boas casas do artigo.